VOCÊ FOI ESCRAVO NO EGITO: POR QUE NÃO PODEMOS SER OU TER ESCRAVOS CENTO E DEZ ANOS DEPOIS?

Peter T. Nash

O que enfatizar?

É sempre difícil saber onde colocar a ênfase num texto bíblico. Duas disciplinas irmãs, a exegese e a hermenêutica, lutam às vezes, como todos os irmãos e todas as irmãs, por seus espaços na convivência teológica. Neste processo, a vida da/o intérprete, o texto bíblico antigo e a história da interpretação do mesmo são mesclados. O presente artigo pretende fazer algumas observações sobre a coletânea de textos de Levítico 25–27 que aborda principalmente o ano sabático e o jubileu, apresentando alguns versículos que tematizam a escravatura. Muitas reflexões estão aquém de poder responder – mesmo que provisoriamente – à pergunta pelo significado do texto.

Um preconceito em favor dos textos proféticos

Em primeiro lugar, é necessário assumir os nossos preconceitos e decidir sobre nossas inclinações e doutrinas. No caso da interpretação dos textos do Antigo Testamento (AT), devemos fazer uma confissão franca a respeito dos textos e das concepções sobre as quais baseamos nossas teologias. No caso de fazer uma análise cristã do AT, precisamos admitir que nossos textos-chaves se distinguem daqueles dos judeus. Em geral, quando cristãos se referem ao AT, pensam no decálogo, nos salmos e, acima de tudo, nos textos lidos durante a quaresma e advento. Os textos da época da quaresma e do advento determinam nossos pensamentos a respeito do AT.

Na minha opinião, os textos mais importantes do AT para os/as cristãos/ãs são os textos proféticos. Eles são importantes porque acreditamos que apóiam nossa afirmação de que Jesus Cristo é Deus e Salvador em forma humana. Somente os intérpretes fundamentalistas dentre nós afirmariam que, em seu contexto original, estes textos se referem diretamente a nascimento, sofrimento e ressurreição de Jesus. Estes textos fazem parte de uma teologia da encarnação que pressupõe a confiança de que Deus sempre está envolvido com os seres humanos. Esta afirmação pode ser resumida da seguinte forma: ao interpretar o AT, a Igreja tem um preconceito em favor dos textos proféticos.

Quem é o povo de Deus hoje?

Pressupondo que as tradições proféticas se preocupavam com o bem-estar do povo de Israel e com sua aliança com JHWH ou Elohim, resta responder a pergunta:

"Quem é o povo de Deus hoje?" A resposta clássica do AT afirma que o povo de Deus são os descendentes de Abraão e de Sara. Uma outra resposta diz que é o povo que aceita e segue as leis e os costumes da *Tora* (melhor traduzido por "instrução" ou "ensino"), especialmente Ex 20.

A partir das palavras de Paulo em Rm 11,17, a Igreja cristã não negou a definição clássica de povo de Deus acima, mas a expandiu. Paulo usa a metáfora da oliveira selvagem e da oliveira enxertada justamente para evitar o desprezo aos judeus. Nesta expansão do conceito de povo de Deus, Paulo mostra que a integração neste povo depende da graça, e não de merecimento.

Também na segunda proposta de definir o povo de Deus mencionada acima – a saber, como povo observador da *Tora* – a Igreja se volta a Paulo, encontrando aí a convicção, baseada nos profetas, de que ninguém pode fazer parte do povo de Deus através de obras meritórias ou através do cumprimento de leis. Assim, a Igreja volta novamente às suas bases, à graça do Senhor e ao desejo de Deus de conviver com os seres humanos.

A confissão da Igreja é – ou deveria ser – que o povo de Deus hoje inclui todas as pessoas que convivem no mundo. A distinção entre cristãos e pessoas de outras religiões ou sem religião consiste no fato de que a fé cristã reconhece o evento cristológico como evento central que traz graça ao mundo. A Igreja, por sua vez, se autodefine como um grupo particular e especial dentro do povo de Deus. A Igreja, portanto, é a melhor portadora da graça de Deus. Ela faz parte do povo de Deus, mas não é o povo de Deus.

Identidade própria e aceitação de estrangeiros/as

Apesar do fato de que uma versão oficial do AT apresente o povo como um povo unido pelo sangue e por uma aliança com Deus, é necessário ver que, na verdade, o texto do AT mostra um povo enraizado em várias culturas. O AT dá vários exemplos de não-israelitas nos bastidores do poder durante todas as épocas da história do povo santo. Quem lê as narrativas do reinado de Davi sabe que os homens mais confiáveis e próximos do núcleo de poder foram estrangeiros. O livro de Josué também menciona vários exemplos de pessoas e grupos se incorporando ao povo de Deus, conforme vários níveis de aceitação.[1] O canto de Débora em Jz 5 mostra que nem todas as tribos participaram da coalizão convocada para o evento. Aparentemente, uma tribo se motivava a aprovar uma coalizão somente quando diretamente ameaçada.

O que deve ser entendido é que o povo de Deus nunca foi um povo estático, mas sempre um povo dinâmico. Indivíduos e grupos se juntaram a este povo santo e se

1. Em Js 2, Raab e sua família foram aceitas por ajudarem os espiões israelitas; em Js 9 se encontra a história que narra como os gabaonitas foram aceitos, por engano, como membros do povo de Israel. Segundo minha opinião também a história de Rute foi situada nesta época para mostrar a facilidade de integrar o povo de Deus durante a sua formação.

afastaram dele. Por outro lado, o povo aceitou e assumiu novos integrantes por vontade de Deus e sem muitos problemas. As exigências aos que ingressavam no povo variavam, mas sempre incluíam o reconhecimento de JHWH/Elohim como o Deus do povo, Abraão e Jacó como os pais deste povo e, em menor grau, a aceitação da cultura israelita.

Um povo com uma identidade forte – que sabe o que é – tem condições de aceitar integrantes novos e estranhos, até mesmo quando tende a ser alterada a periferia de sua identidade. Dizendo de outra forma: a diversidade do povo de Israel foi aceitável e, até, vantajosa, porque as mudanças que ela trouxe nunca desafiaram a doutrina central da identidade israelita: "Somos o povo de JHWH/Elohim".

Resumo dos pressupostos sobre a interpretação do Antigo Testamento

Se o fundamento da Igreja é a crença de que Deus sempre age em favor do seu povo, e se este povo puder ser definido como a totalidade dos seres humanos – tanto os que aceitam, quanto os que não aceitam o domínio de Deus – os que aceitam esse domínio precisam sentir-se responsáveis, da melhor maneira possível, por uma distribuição justa dos dons da terra.

Um dos modelos do povo de Deus no AT é o de um povo dinâmico com um centro estável. Este centro está baseado não no merecimento, mas sempre na graça de Deus, sendo que ninguém é dono da definição desta graça. Pelo contrário, também a periferia está sempre se mexendo e dançando em torno do centro.

Uma leitura de Lv 25,55: *Porque os israelitas são meus servos que resgatei da terra do Egito. Eu sou JHWH vosso Deus.*

O contexto maior

Os cap. 25–27 de Levítico tratam do direito de cada família israelita de ter um pedaço de terra ou herança dentro do povo de Deus. Reconhecendo a realidade de que, por vários motivos, os israelitas tiveram que vender a propriedade familiar, os escritores do *Código de Santidade* perceberam a necessidade de evitar que pessoas fossem excluídas do povo de Deus por acaso ou por motivos econômicos.[2] A partir das leis antigas, eles instituíram alternativas para preservar a herança de cada família: o ano sabático e o jubileu.[3]

Esta atitude de abertura, aliás, faz ainda hoje parte da constituição do estado israelense. Um dos pilares do país é que qualquer judeu ou judia tem o direito a "subir" à terra resgatada e "reintegrar-se" ao povo e à terra. É claro que esta lei tem também motivos políticos, mas a fundamentação é religiosa.

2. Cf. M. NOTH, *Old Testament Library: Leviticus*, SCM Press, Philadelphia, 1977, p. 178-208.

3. Em *Estudos Bíblicos* 13, 1987, p. 15, Juan Alfaro interpreta Lv 25,23 como uma afirmação de que "Deus é o único dono da terra e as pessoas são simples administradoras".

Contexto específico

O motivo para a proibição da escravatura perpétua dos israelitas é que JHWH/Elohim resgatou o povo da escravatura egípcia e que eles são os seus servos. Um subtema do relato do Êxodo é que o povo não pode mais voltar para a condição de dependência e convivência com outros deuses. Todos os que aceitaram a liberdade da escravatura egípcia eram responsabilizados por manter a liberdade de todo o povo. O resgate do povo de Israel da escravatura foi um resgate completo e permanente. Ele não podia voltar, *nunca mais*.

Os israelitas podiam aumentar a propriedade familiar que, na verdade, é propriedade de Deus, durante sete vezes sete anos, mas só em casos extremos podiam tirar de uma família sua propriedade em Israel. Isto só podia acontecer quando, depois de várias tentativas de reintegração ao povo sagrado, a família mesma não aceitava as condições de reintegração.

Conclusões

Aonde queremos chegar? É simples! Para a Igreja fiel é impossível dizer que existem pessoas ou grupos que *não* fazem parte do povo de Deus. Se no centro da fé cristã estiver nossa convicção de que Deus agiu em nosso favor na encarnação e no resgate de Jesus Cristo, e se essa convicção for sólida, a Igreja não terá o menor problema com qualquer pessoa ou grupo que creia e expresse sua fé de maneira diferente da nossa. A Igreja pode aceitar todas as pessoas como uma parte do povo de Deus, que ela está tentando resgatar junto com Deus. Finalmente, a Igreja não pode utilizar as normas sociais nem os medos particulares como desculpas para reescravizar algum/a filho/a de Deus.

Especialmente as igrejas de imigração que sofreram com a exclusão, o etnocentrismo e o racismo, sabem que não podem impor ou apoiar escravaturas modernas. Seria uma traição de suas raízes étnicas excluir pessoas por causa de cor, cultura ou práticas diferentes. A força da cultura faz parte de qualquer expressão religiosa, mas não deve tornar-se a base da fé. A Igreja confessa que a proclamação continuará com ou sem o tradicional povo de Deus (Mt 3,9 e paralelos). As tradições étnicas podem se adaptar a quaisquer situações e influências novas. Isto sempre requer mudanças, mas as mudanças levam à vida nova e não à morte. Hoje as igrejas devem perder o medo de abrir suas portas ao que é diferente e novo.

Peter T. Nash
C.P. 14
93001-970 São Leopoldo, RS

Prov. do Paraná e Sta. Catarina
BIBLIOTECA CENTRAL
FREIS CAPUCHINHOS